

JÁDER DE CARVALHO

Bilu trazia à mão o meu *A CRIANÇA VIVE*. Mas antes que ele me falasse do livro, eu cuidei de esclarecer:

— Não é romance: é um panfleto. Se há ternura nessas páginas, é que eu o temperei com a saudade. Nele, ha uma Fortaleza que não esquecerei jamais, por muito que o tempo ande. Nalgumas páginas.

O bacharel esboçou um sorriso de compreensão. E me disse:

— Gostei da Fortaleza que descreveste, E, para não fugir à regra, estive no *RICHE*, onde conversei com poetas, pintores, romancistas e boemios. Mas não vi José Albano. Não te parece estranho?

— Não, não me parece estranho. O drama do meu livro é anterior à ultima visita de Albaninho ao Ceará. No romance, a Praça do Ferreira ainda tem um quiosque em cada ângulo. Quando o poeta, como um astro errante, demora minutos entre nós, já o vandalismo oficial assassinara a beleza romantica do logradouro.

— Logradouro? — admirou-se Bilu.

— Sim, do logradouro. Havia na Praça mangueiras históricas. Havia também um jardim, um catavento melancolico, uma paz espiritual, que o progresso matou. Apesar de tudo, o poeta não se afastava dali. A qualquer hora, a gente poderia vê-lo, ou no *RICHE* ou nalgum banco da *SETE DE SETEMBRO*. Nesse tempo, eu era aluno do Liceu e acompanhava todos os passos do poeta famoso. Ainda agora, parece que o Albaninho passa por mim, o chapéu de massa derreado sobre os olhos e a barba espessa a derramar-se no peito. Quantas vezes ficava a observá-lo, achando esquisito aquele monóculo sempre posto no lugar! Mas não tenho nenhuma lembrança de que o poeta me houvesse visto alguma vez. Albaninho vivia uma intensa vida interior. Mas sempre o achava em palestras com intelectuais. Mário da Silveira e Quintinho Cunha o as-

sediavam com perguntas irônicas. Nesses instantes os seus olhos fagulhavam e as respostas eram fulminantes. Certa vez, o poeta do SOLIMÕES se desmanchava em elogios a não me lembra que poeta. Zé Albano mordida silenciosamente os lábios. E, mal o repentista fechava a boca, o poeta máximo aconselhou: “Agora, Quintino, você devia comer o seu chapéu. Ele não é de palha?”

Bilu me tomou a palavra:

— Era, segundo me informam, um conhecedor profundo de três idiomas. O grego, o sânscrito, o hebraico. . .

Fui pronto:

— Sei que se tratava de um poliglota. Sei também que era portador de uma cultura classica fora do comum. Conhecia profundamente as literaturas grega, francesa, inglesa. Melhor: conhecia todas as literaturas da Europa. Camoniano, alguns o consideravam superior a Camões. O que eu posso afirmar é que ninguém, até hoje, soube como ele aproveitar a beleza e a ternura do nosso idioma. Luis de Sousa, Bernardes, Vieira, Rodrigues Lobo — nenhum destes o superou no manejo dessa “língua dulcíssima”. A meu ver, a língua portuguesa tem o seu ponto culminante na Ode que Albano lhe teceu.

E, emocionado, declamei para Bilu alguns trechos esparsos da obra prima. Foi com espanto meu que o bacharel replicou:

“Sempre a sempre te eu veja meiga e pura,
naquela singeleza primitiva,
naquela verdadeira formosura,
que farei que no verso meu reviva”. . .

Interrompi-lhe a recitação:

“Língua minha, dulcíssima e canora,
em que mel com aroma se mistura,
agora leda, lastimosa agora,
mas não isenta nunca de brandura;
língua em que o afeto santo influi e ensina
e derrama e prepara
a música mais rara — e mais divina.”

Mas Bilu abafou-me a voz:

“E não quero um som alto e retumbante
para cantar d’amor ao mundo atento,
pois não há língua que d’amor não cante,
mas nenhuma traduz o meu tormento;
nenhuma se conhece que traslade,
afora tu somente,
do coração doente — a saudade.”

O telefone chamou-nos à vulgaridade da vida cotidiana. Refeito o ambiente espiritualíssimo, o paraense repetiu-me de cor esta outra jóia literária, naturalmente rara, pela doçura, pelo ritmo e pelo equilíbrio, em literaturas jovens como a nossa, em que se misturam sangues e tendências diversas, num trabalho apressado e sem rumo de formação cultural:

“Poeta fui e do áspero destino,
senti bem cedo a mão pesada e dura.
Conheci mais tristeza que ventura
e sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino
que tanto engana mas tão pouco dura;
e ainda choro o rigor da sorte escura,
se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
dos sonhos que sonhava noite e dia
e só com saudades me atormento;

entendo que não tive outra alegria
nem nunca outro qualquer contentamento.
senão de ter cantado o que sofria”.

— Atenta bem neste soneto — pediu o paraense — Não o sentes diluído em toda a COROA DE ROSAS E DE ESPINHOS do grande Mário da Silveira?

Os versos de José Albano ainda perfumaram e sonorizaram por muito tempo a nossa palestra. O místico, por várias vezes, veio à flor dessa conversa. Por fim, o paraense lembrou:

— Por que não tentas uma interpretação de José Albano?

Mas, nessa hora, eu não escutava Bilu. Tinha o pensamento voltado para a Fortaleza do tempo de Albaninho. E, muito naturalmente, passei pela esquina do ART NOUVEAU. O Martinz de Aguiar e o Clóvis Monteiro discutiam filologia. E, de que modo! Ambos de fraque...